

Maicyra Leão – Universidade de Brasília- UnB, Brasília-DF

Proposta de Comunicação Oral

Título: *Experimentos gramíneos*: uma experiência em performance de rua

Resumo:

Trata-se de considerações sobre as realizações da performance “Experimentos Gramíneos”, realizada no Rio de Janeiro (2006), Recife (2006) e Buenos Aires (2007). “Experimentos Gramíneos” é um trabalho de performance artística em espaços públicos que surgiu através de uma investigação de linguagem, processo de pesquisa do Mestrado em Arte Contemporânea. É um dos trabalhos, de uma série de experimentos, que têm como foco principal explorar o corpo como centro promotor de estranhamento em meio à atividade cotidiana urbana, utilizando-se de temas públicos e políticos. A possibilidade de apresentação da performance em centros urbanos de diferentes localidades expôs contradições e formas diferenciadas de relacionamento dos transeuntes com a arte. Descrição simplificada: Vestida com uma roupa construída a partir de pedaços de grama artificial, a performer coloca-se deitada, camuflada, num pequeno gramado próximo a uma área de circulação intensa de pessoas. Em seguida, desloca-se pelas ruas desenvolvendo a ação a partir da interação com o público passante.

Sessão temática escolhida: **ST3 - Corpografias Urbanas**

## ***Experimentos gramíneos: uma experiência em performance de rua***

*Experimentos Gramíneos* surgiu de uma idéia simples e uma imagem inspirada num universo popular no qual me envolvi por afinidade cultural.

Enquanto idéia, nasceu na cidade interiorana de Laranjeiras, em Sergipe, em janeiro de 2006. Tratava-se de uma necessidade de expansão territorial da grama e da natureza, invadindo o espaço construído do cimento. (Para adentrar a casa, ou se é convidado ou se invade) A cidade serviria como lugar de minha investigação e o corpo humano seria o elo de ligação, já que é um elemento vivo e em movimento de apropriação.

Enquanto ação, concretizou-se primeiramente na cidade do Rio de Janeiro, em março de 2006. Na ocasião, no centro da cidade, comprei cartelas de grama plástica, artificial, de 20X20 cm, que serviram como peça de base para a construção da roupa-grama. Durante alguns dias, costurei uma cartela a outra, medindo e provando a vestimenta. Durante esse processo de construção, passei a vivenciar a performance, ou melhor, sua preparação, em meu cotidiano. Apesar de não estar envolvida num treinamento corporal, como anteriormente, as etapas da criação suscitavam um envolvimento e uma preparação afetiva para realização e exposição de meu corpo, solitário, em meio à rua.

Para entrar em estado de árvore é preciso partir de um torpor animal de lagarto às 3 horas da tarde, no mês de agosto. Em 2 anos a inércia e o mato vão crescer em nossa boca. Sofreremos alguma decomposição lírica até o mato sair na voz. Hoje eu desenho o cheiro das árvores. (BARROS, 1993: 19)

Encontrei, numa noite, uma lagarta “de fogo” verde. Recolhi e a levei para casa. Enquanto costurava, também alimentava a lagarta e a cultivei. Estabeleci, mesmo que superticiosamente, uma relação de cultivo da performance e do organismo vivo da lagarta, que diante de minha imaginação preparava-se para se tornar borboleta enquanto eu me preparava para me tornar grama.

Depois de uma semana, comprei um regador, troquei de roupa num subsolo abandonado, por detrás de uma banca de revista, e me deitei sob o sol de meio-dia do dia 22 de março, num gramado ilhado em meio ao cimento e asfalto do centro da cidade, acompanhada de dois amigos que faziam o registro em vídeo e fotografia.

Em terceira pessoa, dado o distanciamento da observação, segue a sinopse que percorreu iniciativas de divulgação posteriores:

Inteiramente vestida com uma roupa construída a partir de pedaços de 20X20 cm de grama artificial, a performer coloca-se deitada num pequeno gramado próximo a uma área de circulação intensa de pessoas.



Maicyra Leão, *Experimentos Gramíneos*, Performance, 2006.

Neste primeiro momento, a criatura-grama permanece camuflada e confundindo-se com a própria grama. Após um momento de imobilidade, inicia-se uma movimentação sutil e a criatura se autorega.

O segundo momento acontece quando ela levanta-se e, ainda com movimentos lentos, aproxima-se do espaço-concreto, deslocando-se pelas calçadas e ruas e percorrendo trajetórias comuns aos outros transeuntes. Durante essa etapa, ocorrem interações com os passantes, sem diálogos verbais, sendo ela regada por eles, espontaneamente. Em alguns momentos, a criatura também rega o seu próprio caminho.

Por último, após um longo caminho percorrido em direção a um parque ou praça importante da cidade, a criatura-grama chama um táxi e se retira do espaço da ação.



Maicyra Leão, *Experimentos Gramíneos*, Performance, 2006

*Experimentos gramíneos*, depois de sua concretização, instigou a necessidade em desalojar o conhecimento já instituído no imaginário dos passantes diários da rua e, assim, romper o automatismo com que freqüentemente a percepção da cidade está condicionada. Como afirmaram Deleuze e Guattari: “ a cidade é o espaço estriado, por excelência” (1997: 188)

Inicialmente, o objetivo da ação era fazer um deslocamento simbólico onde a grama (verde) invadisse o espaço do concreto (cinza). O ponto de partida era misturar-se estaticamente a uma grama, situada num local de grande circulação de pessoas. A idéia era acomodar-se na grama para sugerir que a grama-corpo fazia parte da grama-real e, deste modo, a primeira poderia ser uma extensão desta última.

No Rio de Janeiro, durante 1 hora permaneci imóvel deitada naquela grama. Todo esse tempo me serviu, mais uma vez, como uma preparação até me tornar grama. Precisei de um tempo de exposição ao contato com o elemento a que pretendi me camuflar, para que daí surgisse qualquer ação estimulada pelo que me envolvia exteriormente (abertura do diafragma sensorial).

O ato de me camuflar em meio à cidade, ou melhor, em meio à grama constituía-se na tentativa de fusão entre o orgânico e o inorgânico que me apresentava ( a roupa de grama), de forma a tornar transparente a coexistência de naturezas distintas. Não pretendia fazer da rua→casa, mas fazer de minha casa-corpo a grama da rua.

Conforme o tempo transcorria, a ação se recheava.

A exposição prolongada ao sol gerou uma ardência, quase dormência, que fez com que a camuflagem na grama cedesse lugar ao regar-se. O regador, que inicialmente era apenas um

elemento para carregar, assim como os transeuntes carregavam suas sacolas e caixas de compras, passou a fazer mais sentido e a ser um elemento imprescindível.

Aos poucos, com movimentos também lentos, como herança de um treinamento intenso anterior, iniciou-se o processo de deslocamento pelo espaço.

Durante os primeiros minutos com os pés descalço pisando o chão, uma constatação surgiu: eu precisaria de muita água. A condição de temperatura se impôs afetando o modo de caminhar e a ação que se desenvolvia. O chão quente e a impossibilidade de pisar com os pés descalços por um tempo prolongado fez com que meu modo de caminhar se alterasse e fosse necessário regar o percurso por onde caminhava, na tentativa de resfriar o chão. A ação livre estava, portanto, limitada por uma situação de sobre-humanidade imposta pelo sentido de sobrevivência.

Em pouco tempo, a água do regador acabou. Ao olhar em volta, buscando uma solução para a imprevisibilidade da circunstância, avistei um quiosque–floricultura do outro lado da rua. Mais uma vez, a necessidade fez a ação e para conseguir água foi necessário atravessar o semáforo, onde as pessoas que estavam dentro do carro foram surpreendidas com a passagem de um ser-grama. O trânsito foi interferido pela passagem anônima. Em Recife e Buenos Aires, mesmo sem fala, os transeuntes/cúmplices compreendiam minha necessidade de água, ou melhor, a necessidade de sobrevivência da “natureza”, e colhiam água em casas e lanchonetes.



Maicyra Leão, *Experimentos Gramíneos*, Performance, 2006.

Nesse processo de se auto-regar, em virtude do calor, encontrei alguns outros corpos que espontaneamente se propuseram a me regar. Seja como exercício solidário ou como sensibilização diante da situação, o fato é que aqueles corpos desconhecidos passaram a se aproximar de mim e a fazer parte de meu campo de hecceidades. Novamente encontrei cúmplices em meio ao heterogêneo e anônimo da rua e a minha ação gerou outras ações espontâneas, permitindo um encontro entre nossos corpos, sem falas, como propunha Artaud.

Tecia-se um emaranhado de acontecimentos e afecções desordenadas, estabelecendo vetores de direção e forças que se ampliavam para além do instante presente, na conversa por telefone, no ponto de ônibus, à noite ao chegar em casa, na hora de dormir.

A trajetória que desenvolvi era completamente desconhecida. Retomei, sem racionalidades, a “deriva” situacionista como opção condizente com a situação flutuante em que me encontrava. Como afirma Paola Beresntein:

Para tentar chegar a essa construção total de um ambiente, os situacionistas criaram um procedimento ou método, a psicogeografia, e uma prática ou técnica, a deriva, que estavam diretamente relacionados. A psicogeografia foi definida como um “estudo dos efeitos exatos do meio geográfico, conscientemente planejado ou não, que age diretamente sobre o comportamento afetivo dos indivíduos (BERENSTEIN, 2003: 23)

Apesar de não possuir uma preocupação com o urbanismo e a construção material da cidade, mantive meu foco do espaço público voltado para as pessoas que circulam e habitam o espaço. Experimentei a relação direta com as pessoas, sem a mediação da arquitetura, que invisivelmente perpassa a subjetividade coletiva.

A ação, que durou aproximadamente 3 horas, encontrou seu fim na limitação de resistência física, mas poderia ter continuado sem objetivo claro sobre onde chegar e quanto tempo isso levaria. Como afirmou um dos passantes, registrado em vídeo, “ela está se encaminhando para o infinito”.

Em Recife, num contexto bem diferente do Rio em que realizei a performance de forma completamente anônima, me deparei com um situação espetacular que absolutamente não era compatível com minha pesquisa. Estava participando com uma Bolsa das Semanadas, selecionada para a Semana de Artes Visuais do Recife-SPA-2006, e, portanto, integrava uma programação extensa de atividades abertas ao público em geral, com data, horário e local pré-definidos.

Aos poucos, dias antes da realização de minha ação, comecei a perceber que se eu cumprisse a expectativa da programação estaria traindo o princípio motivador de minha pesquisa, justamente focada na ação livre e espontaneidade do acontecimento, em meio à rua. Estaria estabelecendo contornos claros e precisos que engessariam a possibilidade do acontecimento desinteressado.

Minha preparação afetiva, em Recife, voltou-se para a elaboração de um roupa-grama, idêntica à minha, feita para uma boneca de plástico, com 40cm de comprimento, adquirida no centro

da cidade. Esta seria a linha de fuga, ou melhor, a tangente de fuga para escapar a um estriamento que fazia parte de uma máquina de Estado avassaladora que cristaliza a percepção da obra de arte.

Dia-a-dia, teci sua pequena roupa e novamente me deparei com uma lagarta. Mais uma vez, cultivei enquanto costurei.



Maicyra Leão, *Experimentos Gramíneos*, Performance, 2006.

No dia e local definidos na programação, levei minha representante em miniatura e a coloquei camuflada à grama do local, segurando um bilhete com o seguinte texto:

“Isto não é uma pegadinha, mas o local de realização da performance é imprevisível e espontâneo. Nos encontramos pelas ruas.”

Segui em direção a um outro local no centro da cidade e, em meio ao “camelô”, me vesti de grama. Mesmo tendo “despistado” o público programado, alguns deles, sem que eu pudesse saber por que, se encontravam na praça para onde me dirigi. Sai por entre os feirantes e antes mesmo de chegar a um gramado, de forma não-pensada, reguei três círculos no chão e me deitei no cimento quente da praça. Me senti impotente para continuar o meu percurso, com aqueles corpos expectantes e críticos que, antes mesmo, de me “tornar” grama já me mutilavam com sua ansiedade. Meu diafragma sensorial já estava aberto e, então, deitei na calçada desfalecendo enquanto grama. Uma multidão de pessoas se colocou em círculo ao meu redor e percebi que aquela era a minha preparação.

Permaneci imóvel por aproximadamente 20 minutos sendo observada como um animal na jaula por aquelas pessoas, que já se interrogavam sobre a razão, sobre o porquê, sobre o quê e, mais uma vez, assim como no Rio de Janeiro, queriam saber o meu sexo. Dado os espaços vazios e penetráveis da vestimenta, a ação passou a ter gênero e, por detrás disso, carregou todos os símbolos envolvidos no universo feminino.

Depois de transcorridos alguns comentários e conversas entre aquelas pessoas, de forma muito sutil, uma delas pegou o regador que já estava cheio de água e me regou. Aquele ato fez renascer a possibilidade de vida e mesmo que não estivesse entre gramas revigorei a força que me fez locomover.

Para muitas daquelas pessoas, aquela figura, eu-criatura-grama, era uma espécie de fantasma, uma vida travestida de uma alegoria que superava a compreensão entre iguais. A vestimenta passava a ser a minha pele e o meu invólucro, mas ainda assim era possível ir para além da vestimenta e ver a minha pele real, a cor e o contorno. Convivemos enquanto mulher-subjetividade com a vestimenta-grama invólucro, num processo de simbiose afetiva.

Por debaixo da vestimenta, utilizava apenas uma malha cor da pele que cobria as partes íntimas, com todo o resto do corpo aparente. A pele contrastava com a grama artificial e plástica que me envolvia. Elas não pertenciam a uma mesma natureza de materiais o que gerava um desconforto risível para os que testemunhavam a ação. Muitos cochichos e um cômico feroz se instalavam entre o riso nervoso e a compaixão coletiva.

O modo de andar, o ritmo, a qualidade do movimento, a não-fala, todas essas características compuseram um contraste em relação ao estado cotidiano da rua, fazendo-me sentir como não pertencente ao mesmo patamar de realidade que os demais. Esse contraponto, gerado pela diferença entre o estado cotidiano e o estado de sublimação em que me encontrava, interrompia o fluxo “melódico” do espaço de circulação fazendo com que os passantes fossem freados e de diversas maneiras interpelados pela ação.

Ainda sobre a condição de contraste, a primeira etapa da ação (preparação) se aproxima da situação do que se chama “estátuas vivas”. A esse respeito, Henri-Pierre Jeudy, em seu texto “O corpo como objeto de arte”, faz a seguinte consideração:

Para quê? Trata-se de uma paródia da arte que seus corpos propõem ao público? Esses fantasmas da cidade, inofensivos e recatados, não esperam mais nada, mostram aos que olham o quanto o corpo deixa de mudar quando ele é tomado por morto-vivo. Eles não têm sexo, nem idade e estão fora do tempo (2002: 13)

Apesar de no caso de *Experimentos gramíneos* eu, enquanto performer, possuir um sexo, como relatado anteriormente, já que a vestimenta-grama é uma membrana permeável deixando transparecer minha condição humana, a situação de morto-vivo envolve os transeuntes em uma atmosfera “fora do tempo”, como afirmou o autor acima.

O fato de ser inofensivo, já que não há fala, não há movimento e não apresenta brutalidade, faz com que o público se permita uma interação, já que ele pode testar a imobilidade e a vida daquele ser. O “estar parado” fragiliza o sentido de “estar vivo”. A imobilidade do ser-grama favorece e ressalta, desta forma, a mobilidade e a possibilidade de interação do ser-passante.

Além disso, o fato de possuir uma “máscara”, ou seja, do rosto enquanto elemento de identificação direta e fator de singularidade estar também coberto pela vestimenta, o público que seria apenas passante, assume um protagonismo na ação de forma a suprimir a falta de “identidade” e de fala da criatura, gerando espaços de convivência e de interatividade em meio ao ritmo da rua. Os transeuntes tornam-se mediadores de circunstâncias criadas pelo estado “morto-vivo”.

De forma mais perceptível em Recife, os cúmplices da ação necessitavam uma proximidade física. Me tocavam, pediam que eu os tocasse, paravam a minha caminhada e conversavam comigo durante alguns minutos mesmo que não houvessem respostas.



Maicyra Leão, *Experimentos Gramíneos*, Performance, 2006.

Num dado momento de minha caminhada, formaram um círculo ao meu redor e prontamente um deles assumiu a “liderança” da situação e iniciou uma enquete quase jornalística a respeito das razões da existência daquela criatura. Aguardei pacientemente e colaborativamente ao seu exercício de cidadão enquanto protagonista da ação. O senhor “X” (porque na rua somos muitos anônimos) simulou a existência de um microfone e iniciou um processo de infindáveis perguntas a todos os outros anônimos que ali estavam. Uma discussão se instalou bloqueando a passagem naquela larga

calçada. Nenhum deles era mais anônimo. Podiam não se conhecer através de seus nomes, mas exercitaram uma troca de idéias e sensações a respeito de uma simples ação. Minha vontade era fazê-los:

Substituir a anamnese pelo esquecimento, a interpretação pela experimentação. (DELEUZE, GUATTARI, 1996: 10).

Mas mesmo que eu não pudesse dizê-lo, a ação o fez. Depois de transcorridos alguns minutos de discurso verbal, conectei-me a uma senhora do círculo, olhei-a profundamente e espontaneamente regei os seus pés. Depois do ato, retomando a consciência da realidade, percebi que não era “educado” molhar os pés calçados de uma pessoa que está circulando pelas ruas, sem muitas vezes ter a possibilidade de trocar seus sapatos molhados. A minha condição moral de estriamento ressaltou a não conveniência daquele ato. Parei e, então, a própria senhora pediu que molhasse outra vez. Fui saqueada. E, assim, um outro rapaz também pediu que eu molhasse seus pés calçados. E mais um outro e outro. Aquela vontade e torpor coletivos, deslocou-me da “liderança” da situação me fazendo sentir completamente desterritorializada enquanto sujeito-estímulo desencadeador do processo. Me ofereci ao público e ao espaço público, assim como Marina Abramovic se doou em *Rhythm 0*. Chocada e não mais “pirata”, voltei a seguir o meu caminho desorientado.

Caminhei por longas horas e passei a encarar os limites de meu corpo e a situação de exaustão como parâmetro para a conexão que acabara de vivenciar. Lembrei-me das aulas de Artes Cênicas (minha formação na graduação) em que exercitávamos a exaustão como um princípio desautomatizador e um viés de abertura para a criação. A alteração da circulação sanguínea e o funcionamento do organismo, em situação de exaustão, liberava a orientação racional com a qual estamos habituados e abria vazios para que se estabelecessem agenciamentos desconhecidos.

Decidi investigar um outro local também público, porém, fechado e delimitado: o ônibus<sup>1</sup>. Na seqüência de meu percurso, em Recife, adentrei um ônibus urbano circular e a recepção que há poucos minutos antes era movida por um interesse íntimo e próximo ao toque, transformou-se em apenas um olhar curioso e até reprovativo. Fui marginalizada pelos poucos passageiros e minha interação focou-se em momentos de parada nos pontos de ônibus. O confinamento entre as paredes do ônibus bloqueou o conjunto de reações dissimétricas. Num espaço de circulação pública, na rua, porém fechado e limitado pelo pagamento da passagem, o fluxo de eclosão de subjetividades compartilhadas foi interrompido.

Depois de mais de 4 horas de ação, descí na estação de metrô e retirei a vestimenta num banheiro público.

---

<sup>1</sup> Sabendo da possibilidade de querer investir em outros espaços, reservei algum dinheiro em minha roupa íntima.



Maicyra Leão, *Experimentos Gramíneos*, Performance, 2006.

Depois de sua concretização no Rio de Janeiro, nos outros locais que realizei a ação, busquei um elemento diferencial diante do contexto. Em Recife, dentro do regador, guardei algumas sacolas plásticas motivada pelo enorme descaso ambiental para com os rios que circulam pela cidade, repletos de lixo e poluição. Elas me seguiam e dificultavam a minha caminhada já que, com o vento, se enroscavam em meu corpo. Busquei me aproximar do convívio cotidiano daquelas pessoas.

Em Buenos Aires, levei alguns elementos, sem saber ainda qual deles utilizar. No contato com a cidade, em clima de inverno com uma média de 4 °C, optei por usar uma máscara de gás. Depois de alguns dias de convívio, achei a cidade um tanto quanto traumatizada por uma ditadura militar rígida e recente. A tortura permanecia no imaginário e no discurso daquelas pessoas e, então, a máscara de gás que, além de me proteger de um frio adoeecedor, carregava em si o sentido da guerra e da dor daquelas pessoas.



Maicyra Leão, *Experimentos Gramíneos*, Performance, 2006.

Do hotel onde estava hospedada, desci do apartamento já vestida de grama e passei pelo saguão de entrada, ainda protegida pela calefação do prédio. Ao abrir a porta de entrada, que dava acesso à rua, o vento frio imobilizou minhas células e permaneci como uma estátua na porta do hotel. Os pés descalços me permitiram entrar em contato com o íntimo da rua e aos poucos recobri as forças para seguir. Diferentemente das outras vezes, preparei-me dentro de meu quarto, em virtude do frio, e tinha um local definido como passagem. Pretendia passar pela Praça do Congresso. Deparei-me mais uma vez com a programação prévia e optei por utilizar a expectativa criada como local de passagem.

Num país estrangeiro, de língua estrangeira, com costumes, roupas e temperatura estrangeiras, meu percurso se tornou solitário e de comunicações menos discursivas do que antes. Não existia toque e existia pressa nas ruas para encontrar algum local seguro e quente. Decidi ir além de meu limite. Descalço e com pouca proteção, resisti ao frio para liberar aqueles corpos aprisionados pela história e memória do local. As poucas coisas que pude compreender de sua língua estrangeira, foram comentários sobre a exposição ao frio. Percebi que nossa conexão se estabelecia pela necessidade de compaixão das pessoas. Muitas perguntavam onde estava a minha mãe, se precisava de um cobertor, se queria mais água. A primeira vez que me regei em Buenos Aires fiquei sedenta pela água porque era mais quente que a temperatura do ambiente. Regar, assim como em Recife e no Rio, era um alívio, só que ao inverso. Perpassavam por mim forças estriadas e lisas: desejava o amparo ao frio, ao mesmo, tempo o limite do risco e da sublimação do mesmo.

Em Buenos Aires, mais uma vez, lembrei do trabalho de Ana Mendieta e do “corpo” consumido pela terra. No frio de Buenos Aires desejei que meu corpo adentrasse a terra, não apenas camuflado por entre árvores ou gramas, mas como parte constitutiva da terra mãe que acalenta.

Cheguei à praça do Congresso, como esperado, e mais uma vez a ação foi compreendida como um protesto. Muitos consideravam uma manifestação a favor da sobrevivência da natureza, mas ao mesmo tempo percebiam uma dimensão menos “realista” e prática, em virtude do estado de suspensão, comentado anteriormente.

A dimensão indizível e invisível na paisagem cotidiana, esse momento de surpresa da referência conhecida, possibilitava sugestões de interpretação díspares. A dimensão política e sagrada conviviam como possibilidades da necessidade de entendimento.

Além de enquadrada como protesto, a ação, principalmente no Brasil, por vezes foi confundida com uma promessa. O espaço público foi capaz de absorver a dimensão política e sagrada, numa compreensão parcial de que a rua é local de compartilhar apenas essas duas dimensões. A dimensão íntima e subjetiva é relegada ao espaço da casa e a arte, não fazendo parte do cotidiano dessas pessoas em sua relação com o espaço público, poucas vezes foi cogitada como possibilidade.

De um modo geral, caminhar e tornar a ação móvel em *Experimentos gramíneos* fez com que a ação acompanha-se o ritmo da rua. A forma com que interrompia e interferia o ritmo dos passantes, não fez com que as pessoas ficassem paradas por horas. A partir do momento em que o ser-grama se deslocava no espaço, penetrando o ambiente de circulação dos seres vivos, a sua presença parecia incomodar já que assumia um caráter fantasmagórica reunindo o contratempo do estado-morte com o movimento próprio à vida.

Em Recife e no Rio de Janeiro, talvez por conta de um clima que favorece o contato e a troca entre as pessoas na rua, o fato de caminhar e se locomover fez com que uma grupo de pessoas desorientados pela falta de compreensão racional e sem respostas, seguisse a ação transformando-a numa procissão de duvidosos , afetados pelo ato singelo da ação:



Maicyra Leão, *Experimentos Gramíneos*, Performance, 2006.

Carreguei comigo as lembranças daqueles corpos duvidosos e em surpresa, durante muito tempo. Fomos todos cúmplices de um encontro inenarrável em meio à correria da rua, um estado pirata. A grama plástica assumiu minha pele-orgânica e as lagartas sempre sumiram. Nunca as vi borboletas, talvez por que, como diria Stiegler, nossos “espaços” não se cruzaram sincronicamente.